

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil-  
2º edição

**UM REPERTÓRIO CRITERIOSO:  
A ESCOLHA DE LIVROS A PARTIR DO OLHAR DO PROFESSOR MEDIADOR**

Andréa de Carvalho Reckziegel

Porto Alegre

2016

Andréa de Carvalho Reckziegel

**UM REPERTÓRIO CRITERIOSO:  
A ESCOLHA DE LIVROS A PARTIR DO OLHAR DO PROFESSOR MEDIADOR**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em parceria com o Ministério da Educação – 2ª edição.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristina Maria Rosa

Porto Alegre

2016

## RESUMO

No presente trabalho apresento o planejamento, a realização e o registro de atividades de leitura literária em uma Escola de Educação Infantil pública da região metropolitana. Com intuito de conhecer os critérios de seleção das obras literárias ofertadas às crianças pelas professoras, utilizei como procedimento metodológico um questionário aberto complementado com anotações em uma reunião pedagógica sobre o tema. Para as reflexões acerca do tema e sua importância, cerquei-me de autores como Rosa (2014, 2015), Reyes (2010, 2014) e Corso (2006), além de verbetes assinados e constando no Glossário CEALE (2014). A realização da pesquisa permitiu perceber o modo como um grupo de professoras que atuam com crianças entre dois e quatro anos escolhem, utilizam e registram o trabalho com livros infantis em sala de aula. Uma das conclusões de pesquisa indica que a maior parte das professoras faz “contação de histórias” e não leitura literária, e escolhe os livros a serem contados de acordo com o assunto do projeto didático em andamento. Títulos, autores e gêneros literários bem como os procedimentos de leitura literária adequados à faixa etária são ignorados por elas em seu trabalho com os pequenos.

**Palavras chaves:** educação infantil – professor – sala de aula – literatura infantil – leitura literária

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>1 ERA UMA VEZ A LITERATURA: INÍCIO DA HISTÓRIA.....</b>	<b>7</b>
1.1 O QUE É LITERATURA INFANTIL? .....	8
1.2 LIVROS LITERÁRIOS VERUS LIVROS PARADIDÁTICOS.....	9
1.3 LER OU CONTAR PARA OS PEQUENOS.....	10
1.4 MEDIADOR DE LEITURA .....	12
<b>2 A HISTÓRIA CONTINUA: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.4</b>
<b>3 DESENROLANDO A HISTÓRIA: BUSCANDO RESPOSTAS .....</b>	<b>17</b>
3.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	17
3.2 COMPILANDO OS DADOS.....	18
<b>4 E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de minhas inquietações como Coordenadora Pedagógica em uma Escola Municipal de Educação Infantil da região metropolitana de Porto Alegre. Tendo a oportunidade de aprofundá-las no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da UFRGS, decidi dar andamento a minhas curiosidades e desenvolvê-las no trabalho de conclusão do curso.

Ao longo de minha trajetória como professora de Educação Infantil, sempre trabalhei com livros: contando histórias e, após, organizando alguma atividade como desenho, teatro, releituras. Após assumir o compromisso de Coordenadora Pedagógica na escola, frequentar formações e iniciar o Curso de Especialização, me deparei com uma nova visão sobre as histórias a serem apresentadas aos pequenos e sobre a literatura, assim como refleti sobre o trabalho pedagógico que desenvolvia.

Uma das responsabilidades do cargo de Coordenação Pedagógica é orientar os professores em seus planejamentos. Desse modo, pude dar andamento a minhas inquietações com o uso que se fazia/faz da literatura na escola. Além disso, pude observar que, apesar de termos uma Biblioteca na escola e uma oficina de mediação de leitura, ela era/é pouco utilizada pelas professoras e seu destino tem sido guardar cartazes e objetos que não tem lugar definido na escola, caracterizando-se em um depósito.

No ano de 2015, juntamente com a Diretora da Escola na qual trabalho, definimos que o local da “oficina de leitura” não mais seria a sala de aula da turma. Assim, a Biblioteca passou a ser um local visitado diariamente pelas crianças que, além da leitura, podem manusear diversos livros e, uma vez por semana, escolher um deles para a leitura em casa, com as famílias. Pensava também a respeito da qualidade dos livros que eram dispostos para as crianças, pois, desde pequenas, penso, o gostar de ler pode ser ensinado e desenvolvido, sendo esta uma das tarefas da escola na atualidade.

No decorrer de minhas reflexões, percebi que as inquietações e dúvidas que tinha, poderiam ser objeto de estudo e, inclusive, integrar a pesquisa que resultaria em meu TCC - Trabalho de Conclusão de Curso. O objetivo traçado, deste então, foi conhecer quais critérios guiam as professoras na seleção de livros a serem apresentados às crianças. Elas lêem livros que já conhecem? Quem os indicou? Gostam de ler livros recém lançados pelas Editoras? As professoras têm autores e/ou títulos prediletos? Conhecem e leem os clássicos?

Partindo de questionário que elaborei, busquei elementos para problematizar a compreensão a respeito da leitura literária e da literatura infantil além de critérios adequados quando da seleção de livros para trabalhar com crianças. Para isso, foi necessário buscar aspectos constantes nas políticas públicas do livro e da leitura no Brasil, além de conceitos que orientam práticas pedagógicas adequadas à apresentação e convivência com o livro literário na escola.

A pesquisa, então, foi desenvolvida em momentos e, para relatá-la e analisar seus resultados, organizei a presente artigo em quatro tempos: 1) Era uma vez...: o início da história; 2) A história continua: políticas públicas para Literatura Infantil; 3) Desenrolando a história: buscando respostas e; 4) E viveram felizes para sempre: considerações finais.

No primeiro momento, desenvolvo o referencial teórico. Nele, declaro os princípios que regem meu entendimento acerca de conceitos chave para o diálogo sobre a literatura na escola. Nele se encontram conceitos de literatura e mediação literária, a diferenciação entre livros literários e livros paradidáticos e uma reflexão sobre a diferença entre ler e contar para os pequenos. No segundo momento, busco compreender a Literatura Infantil a partir das políticas públicas em uso no Brasil. Para isso, um documento foi fundamental, o PNLL 2006, atualizado em 2014<sup>1</sup>. No terceiro momento, apresento as escolhas metodológicas (procedimentos e instrumentos) para a investigação com as professoras, além dos materiais produzidos durante a pesquisa e a análise destes. Concluo o TCC buscando destacar minhas aprendizagens no quarto momento.

---

<sup>1</sup>Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/pnll>

## **1 ERA UMA VEZ A LITERATURA: O INÍCIO DA HISTÓRIA**

A literatura, na infância, pode ser compreendida como uma brincadeira, tanto quanto a música, a dança e o teatro, entre outras manifestações e possibilidades. O que a distingue das demais artes é seu vínculo profundo com a aprendizagem da linguagem, oral e escrita, um dos valores fundantes de nossa humanidade (ROSA, 2016). Assim, a mediação do professor, cuidador, coordenador, dos pais e demais familiares deve favorecer que o brincar, e nele a audição de diferenciados gêneros literários, seja partilhado com a criança pela convivência ou pelo planejamento na instituição escolar. Além disso, esses adultos devem informar e promover a integração deste pequeno em um grupo para que possa reconhecer nos demais “parceiros queridos com os quais é possível trocar, brincar, amar e cuidar” (LOPES, MENDES e FARIA 2005, p. 58).

Em seus primórdios, a literatura não foi pensada para o público infantil. Adultos e crianças partilhavam narrativas e apenas com o desenvolvimento do conceito de infância é que essa separação/definição foi se configurando. Conforme Suyan Pires (2009), foi em meados do século XVIII, com as mudanças na sociedade europeia e nas concepções de infância como geração diferente da adulta, com características e necessidades próprias, que a Literatura iniciou a obter significado de oportunidade e enriquecimento de experiências de vida.

Neste início de século XXI, a literatura passou a integrar políticas públicas no país, o que lhe confere importância e visibilidade. De acordo com o MEC (2016), o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) é desenvolvido desde 1997 e tem como objetivo “promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência”. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar.

Na instituição escolar, é a prática da leitura literária que serve de porta para as demais leituras e para a condição de leitores. Assim, o ensino do gostar de ler pode e deve ser iniciado na primeira infância. Cabe aos adultos, principalmente aos professores de educação infantil, inserir as crianças na linguagem literária, uma vez que esta não é um atributo genético, “precisa ser ensinado, produzido entre os seres humanos” (ROSA, 2015) e são estes mediadores que podem/devem incentivar o gosto por escutar e ler literatura, uma vez que a escola é o espaço de encontro entre o livro e a criança.

Na pesquisa, busco abordar alguns conceitos fundamentais da área – a literatura para a infância – e para a abordagem: os procedimentos de professores em uma escola. Então, conceituar Literatura Infantil e Mediação Literária, diferenciar livros literários de livros paradidáticos, leitura de contação de histórias foi fundamental para compor o quadro teórico de minha investigação.

### 1.1 O QUE É LITERATURA INFANTIL?

De acordo com Parreiras (2012, p. 108), “para ser literatura, a obra deve ter um encantamento”. Assim, quando se pensa em literatura, a primeira imagem que nos ocorre é uma narrativa que possua magia, encantamento, um “conto de fadas” que pertença ao mundo da imaginação. Para Ninfa Parreiras, “emprega-se a expressão Literatura Infantil ao conjunto de publicações que em seu conteúdo tenham formas recreativas ou didáticas, ou ambas, e que sejam destinados ao público infantil” (PAIVA; OLIVEIRA, 2010, p.24). Dessa forma, um livro de literatura infantil prevê a faixa etária do leitor, assim como seus interesses e possibilidades, com temas que possam corresponder às expectativas, com uma linguagem simples, cuidando para que não se torne medíocre.

Para Lígia Cadermatori (2014), a Literatura infantil é um gênero literário definido pelo público a que se destina. Certos textos são considerados pelos adultos como sendo próprios à leitura pela criança e é a partir desse juízo, que recebem a definição de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros.

Mas literatura infantil não é só isso. Ela é arte, fantasia, questionamento, anseios, medos. É a passagem do real para o mundo imaginário e encantado dos livros, onde se pode ser o que se deseja. Como afirma Rosa (2014), “a literatura tem compromisso de encantar o leitor e, ao mesmo tempo, torná-lo mais culto, mais perspicaz, mais inteligente, mais curioso...”. Dessa forma, o gênero oportuniza a criança a vivenciar situações, dar sentido a elas, ser um sujeito crítico.

A leitura deve ser um instrumento de transformação para o homem com a qual ele, a partir da prática, passa a ter a liberdade e autonomia, podendo ser capaz de construir sua própria realidade social. As experiências vividas pelo leitor [...] são recriadas, revividas, ressignificadas no momento da leitura da palavra, de acordo com Silva, Bernardino e Nogueira (2012, p. 23). A leitura, neste caso, deixa de ser algo mecânico, passando para uma maneira de percepção, uma produção de sentidos, construindo idéias, como afirma Bicalho



(2014): “[...] a leitura pressupõe a interação entre um escritor e um leitor, que estão distantes, mas que querem se comunicar”

A narrativa literária parte do princípio que todos somos “herdeiros da arte de contar”. Ao narrar, “existimos: como sujeitos e como espécie”. Para Rosa (2014) “é através da narrativa que nos é possibilitado criar vínculos com a cultura circundante, aprender e ensinar uns aos outros, ouvir e falar, ler e escrever, pensar, refletir, registrar”. A narrativa é “um modo de conformação de realidades, em que a passagem do tempo está claramente configurada, mobilizando, para isso, elementos de linguagem” (GETHL, 2014). É arte, *dolce* e *utile*, e demanda um “outro” para existir: quem escreve deseja/precisa ser lido, de acordo com Rosa (2014). Um encontro profícuo com o gênero literário e seus elementos constituidores pode ocorrer quando lemos e escrevemos literatura. Assim, procedimentos iniciais como conhecer o que é este gênero tão plural – conceito de narrativa, elementos estruturais e estilísticos que a configuram, tipos que o gênero abarca (romance, conto, crônica, fábula, parábola, apólogo, lenda, entre outros) – podem orientar e possibilitar ensaios.

## 1.2 LIVROS LITERÁRIOS VERSUS LIVROS PARADIDÁTICOS

Penso que “nem todo livro traz literatura” (Parreiras, 2012, p. 108) e, desse modo, livros não são todos filiados ao gênero literário, pois, entre eles, há os chamados livros “paradidáticos”. Os livros literários são aqueles que estabelecem uma conexão direta com a imaginação, com um mundo cheio de possibilidades e podem ser caracterizados pela presença de elementos mágicos, fantásticos, que somente na história são possíveis de existir. Há também a linguagem metafórica, com expressões existentes somente na trama. Para autora Ninfa Parreiras (2012, p. 108), “nem tudo é óbvio, nem tudo é linear na literatura”, dessa forma “textos muito explicativos, de caráter moralista, não são literários”, são o que se denomina livros paradidáticos.

Os livros paradidáticos trazem explicitamente ou não, finalidades pedagógicas, ou seja, sua intenção é vinculada à escolarização, apresentando uma única interpretação de leitura, uma moral, um fechamento, abordam assuntos paralelos as matérias do currículo. De acordo com Ricardo Azevedo (1999, p. 4), os livros paradidáticos trazem textos que “manipulam informações concretas, conceitos supostamente mensuráveis ou normas de bons costumes, e ao mesmo tempo, recorrem à ficção através de um discurso literário e poético.”

Dessa forma, se houver muita explicação em torno do livro, ele fica didático, educativo, nas palavras de Paiva e Oliveira (2010):

[...] nos livros paradidáticos, as atividades são pré-determinadas e as fichas de leituras, já elaboradas, são utilizadas pelo educador, somente como critério de avaliação e garantia de leitura realizada, camuflando assim, o despreparo do educador com a prática da literatura e a pouca familiaridade com a leitura dos livros desenvolvida em sala de aula (PAIVA e OLIVEIRA, 2010, p. 31).

Considerando as palavras de Ricardo Azevedo (1999, p. 5), é possível afirmar que há diferença entre livro paradidático e livro literário e esta pode ser descrita da seguinte forma: os livros paradidáticos sempre trazem uma lição, pretendem ensinar algo ao leitor. Já os livros literários, estes abordam questões humanas vistas por um ângulo pessoal, não tem compromisso com informações ou conhecimentos e, sim, com a ficção e a poesia.

Desse modo é de extrema importância que professores reflitam sobre as diferenças entre os dois gêneros quando os apresentarem às crianças, uma vez que livros literários não são livros paradidáticos e devem ser trabalhados de maneira diferenciada já que seus objetivos são distintos.

### 1.3 LER OU CONTAR PARA OS PEQUENOS

“Bem, essa é a hora em que uma boa caixa de histórias é de grande valia”  
(CORSO, 2006, p.303).

De acordo com Cristina Rosa (2015), ler e contar são situações, atitudes e procedimentos diferentes. Não há relação de comparação entre essas duas metodologias, uma vez que contar é uma arte milenar e ler, uma arte pós-invenção da escrita. Não significa que um modo esteja certo e o outro errado, são metodologias diferenciadas, com objetivos e resultados também diferentes. Graça Paulino (2014) afirma que a leitura literária pressupõe “uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa” e é necessário um “pacto entre leitor e texto” que inclui, necessariamente, “a dimensão imaginária”, pois é através dela que “se inventam outros mundos, em que nascem

seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções” (p. 177). Assim, ler para os outros é dividir esse prazer e mesmo, externar o pacto inicial travado com o texto.

Como afirma Regina Gregório (2011), “contar histórias é a mais antiga das artes”, pois, evidencia-se que

[...] o povo assentava ao redor do fogo para esquentar, alegrar, conversar, contar casos. Pessoas que vinham de longe de suas Pátrias contavam e repetiam histórias para guardar suas tradições e sua língua. As histórias se incorporam à nossa cultura (GREGÓRIO, 2011, p.).

Assim, contar é narrar algo, seja uma experiência, um fato, uma história, acessando o repertório individual de memórias. Contar é selecionar eventos, palavras, sentimentos de acordo com o que se deseja passar adiante. Portanto, como afirma Bagno (2014), “os gestos não são neutros ou ingênuos, são carregados de sentidos”. Do mesmo modo quando contamos uma história, abrimos diversos caminhos, que podem originar outras diversas histórias, assim “o contador recria o conto junto com seu auditório. Ele conserva algumas partes do texto, mas modifica-o, de acordo com a interação que estabelece com o público” (GROSSI, 2011).

O significado da palavra “leitura”, em primeiro momento, é o de atividade mecânica, decodificação dos signos e símbolos, porém ler é mais que isso. De acordo com Renata Junqueira e Cyntia Giroto (2014, p.36), ler pode ser complicado, pois “não é meramente ser capaz de pronunciar palavras de maneira correta, é poder atribuir significados às palavras impressas no papel.” Para Cristina Rosa (2015), “ler é cultural, ler é reinventar a escrita”. Para a pesquisadora, “ler para os pequenos desde tenra infância, então, é inseri-los no que de melhor produzimos como “sapiens”: a escrita autoral ou, um modo particular de ver/sentir/narrar o mundo”. Na leitura, o texto não é modificado, assim ler é “interagir com um autor à distância” (BICALHO), o que confere à leitura uma qualidade que a contação não possui: a apresentação, aos pequenos, de nossa língua em sua forma escrita.

De acordo com Rosa (2015), “na leitura, empresto minha voz - tons, suspiros, silêncios, entonação, dor e alegria - para colorir, discernir, enfeixar, aprofundar, desvendar as palavras escritas por outrem, o autor”. Dessa forma, a leitura oportuniza o contato mais direto com o texto literário, pois mantém-se inalterado as escolhas do autor. Como a autora afirma, “empresto dele o invento e me empresto para mediar” (ROSA, 2015), por este motivo que um “mediador” de leitura é de extrema importância na primeira infância, quando a criança ainda não lê sozinha.

#### 1.4 MEDIADOR DE LEITURA

Sentar para ler [...] juntar cadeiras e opiniões, almofadas e leituras, unir leitores  
(VICCINI, 2011, p. 14605)

Observando as palavras acima, percebo a escola como um espaço de encontro entre criança e livro, onde o professor chama seus alunos para a escuta de uma história, seja em uma roda ou mesmo em suas cadeiras, o momento de encanto e magia. Dessa forma, a mediação do professor é decisiva na relação da criança com o livro, assim como o ensino do uso e manipulação do mesmo. De acordo com Beatriz Cardoso, mediar é “estar entre duas coisas”. Como mediadores, os professores “estendem pontes entre os livros e os leitores” (REYES, 2014), criando condições de possibilidades entre o livro e o leitor.

O que faz a diferença quando o tema é o livro e a leitura do que nele está impresso é o tipo de mediação, de ação que se propicia, desde a seleção do livro, a intencionalidade, objetivo e seus desdobramentos para além da leitura, uma vez que livros de literatura infantil são materiais que favorecem uma perspectiva reflexiva, conceitual, experimental e de resolução de problemas. Como afirma Ana Carolina Brandão e Ester de Sousa Rosa (2011, p. 39), as crianças, ao ouvirem as histórias através do mediador, “[...] são mobilizadas em vários aspectos, envolvendo seu corpo, suas ideias, sua linguagem, seus sentimentos, seus sentidos, sua memória, sua imaginação”. Para isso, é necessário saber sobre o mediador, ou seja, sobre nós, professores. Como é nossa relação com a leitura, quais os livros que apreciamos, as narrativas que nos comovem e/ou inquietam, pois, como mediador, é preciso transmitir o gosto pela leitura, ler histórias de maneira prazerosa, encantando quem está ouvindo. Como afirma Bruna Cardoso (2012, p. 42), “o educador pode servir como modelo [...], trazendo como referência sua história e prática como leitor”. Se ele lê com intimidade um texto, isso transparece em sua voz. Se o texto lhe é estranho, do mesmo modo transparece.

É importante atentar para o fato de que na mediação ninguém está ensinando nada a ninguém, não cabendo cobranças, trabalhos ou provas, é apenas o momento de conversar e ler literatura. Assim como afirma Carla Viccini (2011, p. 14607), “o que está em jogo é a movimentação de idéias para formar novos leitores, demonstrando que a leitura não precisa ser de forma alguma obrigação”. Para ROSA (2016), “a mediação é a apresentação de um texto a outrem, é um modo de dizer ao outro: “Escuta! Ouça só que interessante, que curioso esse autor! Ouça o que ele escreveu, perceba a maneira única de dizer...”.

A leitura é algo indispensável para uma criança. Contudo, não há uma fórmula para ser um mediador, como afirma Viccini (2011, p. 14605): “o único caminho que conheci reside no próprio livro, ou seja, o mediador tem que ser um leitor e alegrar-se em compartilhar o encantamento de uma boa história”. Assim, a mediação de leitura, na Educação Infantil, é a oferta de “modelos de leitores”, pois insere “as crianças em práticas de leitura, para que tenham a chance de começar a desenvolver, desde cedo, as capacidades de leitura tão importantes para toda vida” (CARDOSO, 2012, p. 43).

## **2 A HISTÓRIA CONTINUA: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A LITERATURA INFANTIL.**

A importância de considerar as políticas públicas que envolvem e determinam ações nas escolas está no fato de ser, a escola estudada, integrante e pertencente a uma rede municipal.

Para Aparecida Paiva, políticas públicas são a materialização do Estado, e no Brasil, as ações de promoção e acesso à leitura são implementadas pelo Ministério da Educação e pelo MINC, o Ministério da Cultura. Segundo a autora, foi no ano de 1980 que a formação de leitores entrou na pauta das políticas. Estas, porém, são afetadas por descontinuidade política e, assim, não é possível “identificar uma política para a leitura que fosse além da gestão que a implantou” (SILVA, BERNARDINO, NOGUEIRA, 2012, p. 31).

De acordo com Flávia Rosa e Nanci Oddone (2006, p. 185) “transformar o Brasil em um país de leitores não é tarefa fácil” principalmente devido as políticas serem destinadas principalmente para o domínio de novas tecnologias, distante da formação de um cidadão leitor. De acordo com as autoras, o Brasil ainda está distante de uma política que reflete a vontade de avançar na área cultural e educacional.

Entre as leis de incentivo criadas o país encontra-se a Lei de nº 7.505 de 20 de junho de 1986 – Lei Sarney – posteriormente substituída pela Lei nº 8.313 – Lei Rouanet – que engloba todo setor cultural e instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac). Neste, a finalidade é “contribuir para facilitar, a todos, os meios para o livre acesso às fontes da cultura e o pleno exercício dos direitos culturais (BRASIL, 1991). Além disso, busca “promover e estimular a regionalização da produção cultural e artística brasileira, com valorização de recursos humanos e conteúdos locais”; “apoiar, valorizar e difundir o conjunto das manifestações culturais e seus respectivos criadores”; “proteger as expressões culturais dos grupos formadores da sociedade brasileira e responsáveis pelo pluralismo da cultura nacional”; “salvaguardar a sobrevivência e o florescimento dos modos de criar, fazer e viver da sociedade brasileira”; “preservar os bens materiais e imateriais do patrimônio cultural e histórico brasileiro”; “desenvolver a consciência internacional e o respeito aos valores culturais de outros povos ou nações”; “estimular a produção e difusão de bens culturais de valor universal, formadores e informadores de conhecimento, cultura e memória” e “priorizar o produto cultural originário do País”. Quando de sua promulgação, a lei, em seu art. 2º,

previa que o Pronac seria implementado através do: Fundo Nacional da Cultura (FNC); Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficart) e pelo; Incentivo a projetos culturais.

Durante o governo Sarnei<sup>2</sup> o poder Executivo autorizou a instituição da Fundação Nacional Pró-Leitura - PRÓ-LEITURA, uma fundação pública, com personalidade jurídica de direito privado, vinculada ao Ministério da Cultura. A Pró-Leitura foi instituída via Lei nº 7.624, de 5 de novembro de 1987 e tinha como objetivos “promover o desenvolvimento da produção e da difusão do livro”; “estimular a publicação de obras de interesse cultural, a criação literária e a instituição de bibliotecas”; “difundir e estimular o hábito da leitura”; “manter e incentivar cursos de biblioteconomia, de técnicas de encadernações e proteção de livros e demais tecnologias de reprodução e arquivamento de sons e imagens”; “receber o Depósito Legal, disciplinado pelo Decreto Legislativo nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907” e “promover a captação, a preservação e a difusão da produção bibliográfica e documental nacional em suas diversas formas” (BRASIL, 1987).

Já no governo Fernando Henrique Cardoso, um programa governamental foi instituído por decreto presidencial: o PROLER<sup>3</sup> (1992), que tem por finalidade a ampliação da leitura, promovendo acesso a materiais escritos para a prática da leitura.

Há ainda duas leis que se inserem neste contexto: a Lei nº 9.610/98 que trata do Direito Autoral e a Lei nº 10. 753/2003, que visa uma Política Nacional do Livro. Para além desses, foram criados, no Governo Lula, o “Fome do Livro”, em 2004<sup>4</sup> e o “Vivaleitura”, em 2006<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> O governo Sarney se estendeu de 15 de março de 1985 à 15 de março de 1990.

<sup>3</sup> Programa Nacional de Incentivo à Leitura – é um projeto de valorização social da leitura e da escrita vinculado à Fundação Biblioteca Nacional e ao MINC – Ministério da Cultura. Criado pelo Decreto nº 519 de 13 de maio de 1992, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER pretende cada vez mais ser uma rede referência em valorização social da leitura e da escrita, presente em todo país, com qualidade, diversidade e inovação. Presente em todo o país desde 1992, o PROLER, através de seus Comitês, organizados em cidades brasileiras, vem se firmando como presença política atuante, comprometida com a democratização do acesso à leitura (MEC/MINC, 1992). O Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER tem por finalidade contribuir para a ampliação do direito à leitura, promovendo condições de acesso a práticas de leitura e de escrita críticas e criativas. Isto implica articular a leitura com outras expressões culturais, propiciar o acesso a materiais escritos, abrir novos espaços de leitura e integrar as práticas de leitura aos hábitos espontâneos da sociedade, constituindo, dentro e fora da biblioteca e escola, uma sociedade leitora na qual a participação dos cidadãos no processo democrático seja efetiva.

<sup>4</sup> O Programa “Fome de Livro” se insere nas proposições do PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura, assinado pelo Ministro Gilberto Gil em dezembro de 2006. No documento, Gil afirma: “Quando falamos de livro e leitura falamos, portanto, de expansões e de potencialidades. É por esta razão básica que encaramos neste governo o conjunto de políticas que possibilitam a ampliação do acesso ao livro e à leitura como políticas fundamentais para a construção plena da cidadania em nosso país” (2006, p. 04).

<sup>5</sup> O Prêmio Vivaleitura teve sua primeira edição em março de 2006. Foi uma parceria entre o Ministério da Cultura e a Organização dos Estados Ibero-Americanos para Educação, Ciência e Cultura (OEI). O lançamento

E há, também, programas destinados ao livro didático e a Bibliotecas escolares, como Programa Nacional Sala de Leitura – PNSL (1984-1987), Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE (1997) e o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Além de políticas de formação que incluem livros e/ou acervos, como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC (2013).

Entre essas políticas, decretos, instituições e programas destaco o PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola. Instituído em 1997 e vigente até hoje. Tem como principal objetivo “democratizar o acesso a obras de literatura infantojuvenil, brasileiras e estrangeiras, e materiais de pesquisa e de referencia a professores e alunos das escolas públicas brasileiras.” (SOARES; PAIVA, 2014, p. 10). Este programa seleciona e indica um acervo a ser enviado para as bibliotecas das escolas públicas e para empréstimo às crianças e seus familiares.

A escola na qual desenvolvi minha pesquisa é uma das que recebe os livros deste programa. Isso ocorreu, nos anos de 2008, 2010, 2012 e 2014, pois o atendimento do PNBE é feito em anos alternados, anos pares as escolas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e EJA e anos ímpares, para os anos finais do Ensino Fundamental e Médio. O programa atende as escolas cadastradas no Censo escolar, partindo dele que é selecionada a quantidade de livros a serem enviados para cada escola.

Atualmente, a biblioteca da escola possui um acervo de 1500 livros infantis para uso dos professores em leituras na sala e retirada das crianças. Este acervo foi constituído por diferentes políticas públicas, o PNBE, por renda própria da escola e doação de pais. Nela há obras de autores como Ruth Rocha, Ziraldo, Ana Maria Machado, Luis Camargo, Eva Furnari, Érico Veríssimo, Mario Quintana, André Neves, Sônia Junqueira, entre outros.



### 3 DESENVOLVENDO A HISTÓRIA: BUSCANDO AS RESPOSTAS

Para complementar, ampliar e talvez materializar, o que discuti até aqui, apresento os procedimentos que auxiliaram a investigação, assim como o material resultante do questionário, que tiveram como objetivo perceber quais critérios as professoras utilizam para escolher os livros ofertados as crianças de Educação Infantil.

#### 3.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos de pesquisa utilizados para evidenciar o processo de escolha, leitura e registro de atividades de leitura literária em uma Escola de Educação Infantil pública da região metropolitana foram um questionário e observações dialogadas. Através destes, pude descrever processos, revelar conceitos emergentes e tecer algumas considerações finais como resultados.

O questionário elaborado para as professoras da escola é entendido por mim como um procedimento, uma

[...] Técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121)

Neste questionário, optei por questões abertas, solicitando que as professoras expusessem sua opinião a respeito do tema. As perguntas foram: Você gosta de ler? Você lê livros para as crianças? Como? Quantas vezes por semana? Qual livro as crianças mais gostaram? Cite três livros que leste para a turma. Como foi feita a escolha deles? Como é feito o registro dos livros? E no planejamento? Quais autores você mais gosta? Quais livros indicarias para adquirirmos para a biblioteca da escola? Conhece literatura clássica? Qual mais gosta? Lê para seus alunos? Qual livro consideras imperdível para a leitura para as crianças? Tens acervo próprio de livros infantis? Quantos exemplares? Trazes para a escola? Onde mais procura os livros? Quanto tempo demoras para escolher?

O questionário foi entregue para cada professora e, também, para estagiários que atuavam, à época na escola, juntamente com o termo de consentimento para a realização da

pesquisa. O prazo de retorno foi estipulado em quinze dias. Após esse período tínhamos na escola uma reunião sobre o tema, e seria pertinente ter as respostas. Ao final do prazo, seis professoras haviam entregue o questionário, o que considerei insuficiente. Assim, decidi ampliar o prazo como uma tentativa que todas respondessem. Após um mês todas haviam entregue as questões.

Como Coordenadora Pedagógica da Escola, organizei as formações continuadas das professoras. Para os meses de outubro e novembro de 2015, a reunião teve como pauta principal a literatura infantil. Essas reuniões foram realizadas na Biblioteca da Escola e, para o início, organizei uma dinâmica em que o tema foi inserido. Através dela, solicitei que as professoras escolhessem um livro de literatura infantil e, após sua leitura, explicassem o motivo da escolha. Nessa ocasião, além da dinâmica de pesquisa sobre critérios de escolha de uma obra literária na Biblioteca da Escola, explanei conceitos como: O que é literatura, A diferença entre ler e contar, O papel do mediador de leitura entre outros. Meu objetivo era socializar aprendizagens que havia acessado na Especialização e inserir as professoras no universo conceitual de minha investigação. Essa explanação ocorreu em uma conversa aberta com as professoras e foi finalizada com a leitura de duas histórias: o clássico “Rapunzel”, dos Irmãos Grimm e “Dois Gatos fazendo Hora”, de Guilherme Mansur. O objetivo foi observar as diferenças entre os dois gêneros escolhidos, uma narrativa e uma poesia.

### 3.2 COMPILANDO OS DADOS

Observando o ocorrido e os resultados de minhas investidas com as professoras -as respostas contidas nos questionários e os diálogos nas reuniões – organizei os dados. A análise deles é que constitui minhas chaves para as conclusões.

Na primeira e segunda questões (Você gosta de ler? Você lê livros para as crianças?) a resposta foi unânime, ou seja, todas afirmam que gostam de ler e que lêem para as crianças. Pude observar, assim que a primeira pergunta é ampla, não revela especificamente o tipo de leitura que é realizado pelas professoras. No entanto, percebi que o gosto da leitura é indicado pelas professoras como existente, tanto de leituras para si próprias como de livros para seus alunos, uma vez que todas costumam ler para eles. Essa descoberta está inserida nas conclusões de Silva, Gamero e Tassi (2014), para quem o professor “[...] também deve ser um bom leitor, passar para o aluno o prazer que sente ao ter contato com os livros e a importância que o mesmo tem para a aprendizagem [...]”.

Quando da segunda questão (Como você lê para as crianças?) obtive as seguintes respostas: das treze professoras ouvidas, seis utilizam técnicas diversas, quatro fazem uma releitura do livro e apenas três lêem o livro, utilizando-se dele como ferramenta, citando autor e ilustrador. Pude perceber que a maioria das professoras não utiliza o livro para a leitura e, sim, utilizam-se de técnicas diferenciadas para contações de histórias. Algumas professoras ainda utilizam-se dos livros e também das técnicas, como observado nos depoimentos de A<sup>6</sup> "Algumas vezes leio o livro sem nenhuma mudança, outras, faço uma releitura. Se possível utilizo fantoches, objetos, gravuras, avental didático, referente a cada história" e de B "Leio de várias maneiras, mostrando o livro, autor, personagens, surpresas escondidas sobre o livro, teatro, dramatizações."

Considerando parte das reflexões aqui realizadas, especialmente quando abordei o tema da leitura e da contação de histórias e acreditando que ler é diferente de contar, pude perceber que as professoras, na maioria, estão contando (e, também recontando, inventando, acrescentando, suprimindo), não lendo o texto como está efetivamente escrito. Cabe dizer que nenhuma delas está sendo julgada, porém, é necessário compreender que há diferença entre a oferta de leitura oral que envolve autoria, vocabulário, manutenção do estilo, oferta de diferenciados gêneros, entre outras características e contação, em que a memória, os recursos sonoros e o gênero narrativo são mais utilizados. É preciso, ainda, pensar que a leitura de um livro proporciona para a criança, desde muito pequena, a imaginação de um mundo encantado, a apropriação de um vocabulário literário e rico, ampliando dessa forma sua maneira de se expor e falar, além de saber que outra pessoa escreveu aquela história. Como afirma Rosa (2015) "[...] a leitura, diferente da contação de história, oportuniza o contato com o texto literário que, apesar do tempo e do mediador, mantém-se inalterado, com o léxico, a estrutura textual e as escolhas poéticas do autor."

Assim, é importante que as crianças tenham contato diário com livros literários, de variados gêneros, formatos e projetos gráficos. Ainda na segunda questão e querendo conhecer a frequência com que as professoras liam para as crianças, obtive as seguintes respostas: duas professoras leem somente uma vez por semana, sete de duas a três vezes por semana e apenas duas professoras leem todos os dias<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> As professoras não foram identificadas e serão citadas por mim com letras do alfabeto aleatoriamente.

<sup>7</sup> Todos os dias significa quatro vezes na semana, uma vez que semanalmente as professoras saem de sala de aula para planejamento. Nesta hora, a turma participa dos projetos "No Mundo da Leitura" e "SOS Natureza", localizados na Biblioteca da escola e durante os quais há leitura e manuseio de livros.

No momento que fui fazer a devolutiva<sup>8</sup> das questões, argumentei a respeito da importância da leitura diária, não somente de livros que trabalharão com a turma, mas de pequenos textos em momentos diversos, como deleite e utilizei, como exemplo, a leitura de uma poesia no momento da rodinha inicial, ou de uma adivinha em um momento que necessita da atenção da turma, um trava-língua na escovação e assim por diante. O argumento advém da importância da leitura para além da atividade formal, muito comum em escolas após a leitura literária. Uma das estudiosas que acolhe essa linha de argumentação é Lúcia Queiroz Cardoso (2013) para quem “As crianças têm, na infância, o melhor tempo disponível para ouvir ou fazer uma leitura descompromissada, movidas apenas pela curiosidade, pelo prazer, pelo descobrimento”. E de acordo com Bruna Cardoso (2012, p. 40), é de extrema importância a leitura diária com as crianças, “com intuito de desenvolver as diversas capacidades envolvidas nesse processo”, dentre as capacidades, a autora traz a decodificação da escrita e outras formas gráficas, a compreensão de textos e hipóteses construindo informações e apreciação do texto.

Para concluir a segunda questão, as professoras citaram os livros que as crianças mais gostaram, como: *João e o pé de feijão*, *Os três porquinhos*, *A casa sonolenta*, *Maneco vai para a escola*, *O homem da chuva*, *A casa dos monstros*, *O grande rabanete e Bruxa*, *Bruxa venha a minha festa*. Os livros foram citados sem menção aos autores.

Entre os critérios de escolha dos livros a serem lidos foi percebido que oito professoras escolhem partindo do tema/assunto do projeto que estão realizando, duas professoras realizam suas escolhas partindo da estética do livro (capa, ilustrações, desenhos), duas professoras escolhem partindo de indicações de outras pessoas que já leram ou realizaram algum trabalho com o livro e uma professora escolhe seus livros por lembranças de infância.

De acordo com as respostas dadas às questões e refletindo a partir da troca de saberes ocorrida na reunião pedagógica pude chegar à conclusão que a maioria das professoras utiliza como principal critério de escolha dos livros que serão lidos com as crianças o tema do projeto que está realizando no momento. Percebo que a organização da Biblioteca e a disposição dos livros nela, de algum modo, tem facilitado ou mesmo incentivado esse tipo de escolha, uma vez que nela os livros estão dispostos por tema. Apesar disso, em 2015 não foi possível alterar essa organização, fato já pensado juntamente com a direção da escola.

---

<sup>8</sup> O momento da devolutiva para as professoras foi quando, após a análise e compilação das questões, fui passar para cada professora a conclusão das mesmas, e nesse momento conversamos um pouco sobre cada uma das questões.

Para Ana Carolina Brandão e Ester Rosa (2011 p. 47-48), o critério mais importante e abrangente para a escolha de livros seria a qualidade da história e a articulação do texto com as imagens. A leitura é agradável para diferentes faixas etárias? Há opiniões a respeito do livro? São histórias que atravessam o tempo, como os clássicos? Por fim, define, como “critério mais importante para a roda de histórias na Educação Infantil é que seja uma brincadeira [...]”

A próxima questão “Quanto tempo utiliza para escolher os livros na biblioteca?”, que trata do tempo que a professora emprega na escolha de um livro, foi respondida da seguinte forma: uma professora demora dez minutos, cinco professoras demoram quinze minutos, duas professoras demoram vinte minutos, uma demora trinta minutos e quatro demora quarenta minutos em sua escolha. A maioria das professoras, mesmo escolhendo rapidamente os livros, afirma que primeiro retiram alguns livros de interesse da biblioteca e posteriormente com mais calma, leem os livros e os escolhem. Assim, pude concluir que, no primeiro momento, a escolha é pela estética do livro, mas seu conteúdo não é deixado de lado, e sim algo a ser escolhido com maior cuidado, uma leitura mais criteriosa.

Um fator que chamou a atenção foi a relação entre as indicações de livros para a biblioteca da escola e os autores que as professoras mais gostam. Pude observar que os autores não são os mesmos, e mais ainda, os autores dos livros indicados são, em sua maioria, estrangeiros, diferentemente do informado como os que as professoras mais gostam, todos brasileiros.

Os indicados para a biblioteca foram: Arden Druce (Bruxa, bruxa venha a minha festa), Stephen Michael King (O homem que amava caixas), David Wojtowycs (Qual é a cor do amor?), Andrew C. Andy e Steven Schepp (De onde vem os bebês) e Audrey Wood (A casa sonolenta). Já os autores que mais gostam foram: Eva Furnari, Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Cecília Meireles, Ana Maria Machado, Tatiana Belinky e Ziraldo, nessa questão as professoras não exemplaram um título de livro.

Como justificativa para essa “contradição” posso pensar que os livros indicados, são de boa qualidade e seu conteúdo é rico, podendo ser trabalhado de várias maneiras, uma vez que o critério para a escolha era o tema/assunto vinculado com o projeto. Outra justificativa seria o fato desses livros não estarem no acervo da biblioteca da escola e serem trabalhados pelas professoras em seus projetos, tendo assim maior familiaridade com eles. Contudo, considero de extrema importância o trabalho dos autores brasileiros e dos gaúchos, fato que foi relatado às professoras na devolutiva das questões.

Pensando no acervo da Biblioteca da escola e considerando os livros que não estão disponíveis, perguntei se tinham acervos de livros em casa. A maioria das professoras tem acervo próprio, com entre 30 a 300 livros infantis. Somente uma professora não tem e todas levam seus livros para a escola.

Na questão que buscou conhecer quais os “livros imperdíveis para as crianças”, percebi que a maioria das professoras indicou os clássicos em geral, sem especificar um título. Outras professoras indicaram fábulas, também sem título específico. A indicação nesse caso, foi de gêneros literários e somente três professoras mencionaram títulos de livros: “Ninguém gosta de mim” de Ruth Rocha, “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado e “O homem que amava caixas” de Stephen Michael King. Para Lúcia Queiroz Cardoso (2013), as crianças necessitam de “[...] todas as formas de escrita: contos, histórias, fábulas, poemas, cantigas, para se constituir como pessoa”. Portanto, um livro imperdível seria qualquer um que traga a magia, alegria, encantamento.

Quando as perguntas foram: "Você conhece a literatura clássica? Qual mais gosta? Lê para seus alunos?", apenas uma professora afirmou que desconhece literatura clássica. As demais, afirmaram que conhecem e leem para seus alunos, pois as crianças apreciam entrar no mundo das fadas. Sobre os livros, foram citados “Dom Quixote”; “João e Maria”; “Chapeuzinho Vermelho”; “Pinóquio”; “Os três porquinhos”; “Branca de Neve e os Sete Anões”; “A Galinha Ruiva”; “Mogli, o menino lobo”. Ao serem questionadas acerca da autoria dos clássicos indicados como lidos (escritos por Charles Perrault, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen), de forma unânime as professoras mudaram sua escolha para “recontos atuais”, ou seja, conhecem a literatura clássica, porém leram os recontos, assim como consideram a leitura desses para as crianças. Assim, as professoras não leem clássicos e sim, recontos. Por reconto entende-se uma “reconstrução oral de um texto já existente” (SÁ, 2014), a autora continua afirmando que o procedimento do reconto seria recontar a história de forma parecida com a atual.

Sobre os registros dos livros lidos, a pergunta tinha como foco perceber se as professoras inserem a leitura como conteúdo trabalhado com as crianças, se planejam, desenvolvem e registram a leitura literária como um dos momentos escolares. Registro aqui pode ser entendido pela “ação de escrever sobre a prática e pensar sobre ela, apropriando-se da ação, e representa instrumento metodológico do professor” (MARQUES; ALMEIDA, p. 417, 2011)

Na resposta a esta questão, uma professora afirma que não registra os livros trabalhados, duas registram o livro com autor e quais questionamentos que foram feitos por ela às crianças, três professoras registram apenas o nome do livro e sete professoras registram em seus cadernos de planejamento o nome do livro com seu autor e quais atividades que foram realizadas. As professoras mencionaram atividades feitas para e com as crianças, como: recontagem da história, dramatização, cartazes coletivos, construção de instrumentos musicais, conversas, trabalhos em folhas, móveis, máscaras, quebra-cabeças, desenhos etc.

Com base nas respostas, percebe-se que as professores trabalham com a ideia de documentar aquilo que fizeram, de acordo com as autoras Amanda Marques e Maria Isabel de Almeida (p. 417, 2011), “a documentação enquanto processo implica a produção de registros ao longo do percurso pedagógico: fotografias, produções das crianças, relatos do professor são algumas possibilidades”, e ainda afirmam que a documentação “possibilita dar visibilidade ao trabalho da criança” (p. 418).

Penso que as respostas dadas a questão indicam a necessidade de refletir sobre a importância de registros dos livros lidos por parte das professoras, assim como observações da reação das crianças (se gostaram ou não, suas opiniões) diante do lido. Acredito que tais informações podem influir na escolha de gêneros literários a serem apresentados à turma, saber quais os autores e gêneros conhecidos e apreciados ou não além de organizar um caminho na formação do leitor. Cabe pensar sobre nesse registro no âmbito da documentação pedagógica, que seria uma “sistematização do trabalho pedagógico, produção de memória sobre uma experiência, ação que implica a seleção e organização de diferentes registros coletados durante o processo” (MARQUES; ALMEIDA, 2011, p. 417). As autoras ainda afirmam que registro e documentação são conceitos complementares.

#### **4 E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“Infelizmente, nem só de boas histórias vive a infância”

(CORSO; CORSO, 2006, p. 305).

Há uma necessidade de se chegar ao final da pesquisa, hora de encerrar a história. Porém, acredito que não há uma conclusão definitiva para qualquer discussão, mas possibilidades de colocar em questionamento aquilo que inquieta nossas ações cotidianas. Como indico acima, vivemos em constante busca por boas histórias, para encantar a nós e as crianças. Na escrita do TCC, trouxe elementos para compreender a temática e estabelecer relações entre a leitura e a escola. Mantenho o pensamento de que somos os mediadores de leitura para as crianças, e que nosso papel é fundamental na primeira infância, pois podemos encantar e entrar em um mundo cheio de magia e imaginação.

Foi de extrema importância trazer os conceitos de literatura infantil, livros literários e livros paradidáticos; mediadores de leitura e a diferença entre ler e contar uma história, para dar conta das questões que foram abordadas, assim como traçar um breve histórico sobre as políticas públicas. Dessa forma pude entender que a escolha dos livros destinados às crianças pequenas é muito importante para que elas entrem no mundo da leitura e busque sempre por este prazer. Para isso, uma das questões às professoras foi se gosta de ler e se faz a leitura de livros para as crianças, nas respostas pude concluir que todas as professoras possuem o gosto pela leitura e praticam com seus alunos, em sua maioria utilizando técnica diversas, como fantoches, gravuras, avental didático, e apenas três das treze professoras realmente utilizam o livro como ferramenta para a leitura, ou seja, a maioria faz uma contação de histórias e não a leitura dos livros. Em relação a quantos dias leem para sua turma somente duas professoras leem todos os dias da semana para seus alunos, a maioria, sete professoras, leem para seus alunos de duas a três vezes por semana. Alguns livros lidos são: João e o pé de feijão; Os três porquinhos; A casa sonolenta; O homem da chuva; A casa dos monstros; O grande rabanete. Neste momento os livros foram citados sem menção aos autores.

No que diz respeito ao objeto de investigação – os livros e sua apresentação aos pequenos – um grupo de conclusões foi possível. Entre elas, que os livros que as professoras mais gostam, percebi que estes são de autores brasileiros, como Eva Furnari; Ruth Rocha; Ana Maria Machado e Ziraldo, embora títulos não tenham sido elencados. Quando aos indicados para que a biblioteca adquira, a maioria mencionou títulos de autores estrangeiros



como “Bruxa, bruxa venha a minha festa”, de Druce, “O homem que amava caixas”, de Stephen King e “Qual é a cor do amor?”, de David Wojtowycs. Pude concluir, diante desta aparente contradição, que os livros indicados são de boa qualidade, seus conteúdos muito interessantes e não se encontram no acervo da biblioteca. Ao questionar se as professoras tinham acervo de livros em casa, somente uma delas afirmou que não. As demais possuem um acervo que varia de 30 a 300 livros e que trazem para a escola para trabalhar com seus alunos, dessa forma pude perceber que apesar da nossa biblioteca ter um acervo amplo de em torno de mil livros, ainda há muitos a adquirir.

Como o objetivo da pesquisa foi conhecer os critérios que guiam as professoras na seleção de livros a serem apresentados às crianças, percebi, na investigação realizada, que o principal critério para a escolha dos livros pelas professoras foi o tema/assunto do projeto em andamento pela turma. Pude concluir, também, que o tempo empregado na seleção/escolha da obra a ser lida varia de dez a quarenta minutos, em um primeiro momento. O principal critério, nesta escola, ficou claro pelas informações das professoras, é a estética e O título do livro. No entanto, todas afirmaram que logo depois, com mais calma e tempo, leem o livro antes de fazê-lo com as crianças, o que indica que uma leitura mais criteriosa leva em conta a qualidade do livro a ser apresentado aos pequenos. O que ficou evidenciado, fortemente, é que ainda há um desconhecimento em relação à literatura infantil dentro da escola, fato que posso concluir a partir da resposta à questão que tratava do “livro imperdível para as crianças”. Para as professoras, os gêneros “clássicos” e “fábulas” são imperdíveis e, ao questioná-las sobre títulos lidos/conhecidos, somente três foram mencionados: “Ninguém gosta de mim” de Ruth Rocha; “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado e “O homem que amava caixas” de Stephen King. Conforme a indicação dos clássicos como serem imperdíveis para as crianças, questionei se conheciam a literatura clássica, a resposta foi afirmativa, porém quando questionado os autores dos clássicos, a resposta foi alterada, pois conheciam os recontos atuais da literatura, contudo houve um interesse de mudança, o que é muito importante para os próximos passos a seguir.

Ainda com relação às curiosidades que a pesquisa revelou, percebi que, no que diz respeito ao registro dos livros lido, apenas uma professora afirmou não registrar seu trabalho. Duas outras registram o nome dos livros e questionamentos que fazem, enquanto três registram somente o nome do livro e as demais, sete professoras, registram o nome do livro com seu autor e a atividade que foi realizada. Com as crianças registram como dramatizações, móveis, máscaras, desenhos. Aqui pude refletir sobre a importância do registro dos livros no

caderno de planejamento, com autor e observações sobre como foi a leitura, pois estas informações e dados podem influenciar na escolha dos futuros livros.

Como afirma Maria Isabel Edelweiss Bujes (2007, p. 17), estudar na UFRGS me fez sair rumo ao desconhecido, foi necessário “me educar para olhar de outra maneira aquilo que eu não podia ver senão com as velhas e confortáveis lentes.” Tirei as lentes e resolvi olhar de outra maneira, quebrando meu primeiro medo que era ir sozinha a Porto Alegre, jamais pensei nisso, até surgir a oportunidade do curso, que segurei com todas minhas forças. Cada aula foi um aprendizado novo, uma colega nova, uma amiga nova, professoras que conhecia pois havia lido seus livros, citado em algum trabalho, e estavam ali na minha frente dividindo seus conhecimentos comigo e meus colegas. Foi uma experiência incrível. Dessa forma, como estudante e coordenadora, posso recontar uma nova história.

Na escola, local no qual exerço minhas atividades e posso agregar meus novos saberes, uma consequência imediata pode ser relatada: ao final de cada ano, os espaços são "desmontados", para que sejam higienizados nas férias e, a cada novo ano, coloca-se tudo em seu devido e/ou novo lugar. Após este trabalho de pesquisa e reflexão, penso que a Biblioteca da escola, juntamente com seus livros podem ser realocados. Assim para a reorganização da Biblioteca será levado em conta todas as conclusões obtidas na pesquisa. Encontrarei uma maneira de expor os livros, onde serão mais bem escolhidos, na tentativa de alterar o critério de escolha das professoras, com livros variados e de boa qualidade. Assim como afirma o PNBE na escola, a qualidade deve ser um critério de escolha para os livros.

Acredito que este trabalho foi importante para a escola, pois recebíamos livros e/ou comprávamos, e eles ficavam no “cantinho”, sem muito uso. Às vezes, nem sabíamos que estava ali, a biblioteca era usada como depósito e este era um motivo de muita inquietação para mim. No momento que houve a oportunidade de pesquisa sobre este tema, fiquei muito entusiasmada e logo busquei meios para que ela pudesse ser bem sucedida. No início de 2016, já iniciei com uma proposta de mudança na Biblioteca da Escola, uma reorganização dos livros e de retirada pelas professoras. Conteí com a ajuda de três professoras para esta mudança e, até o presente momento, esta tem sido bem aceita pelo grupo. A nova organização facilitou o trabalho delas ao mesmo tempo em que propõe uma leitura mais profunda do livro e oportuniza maior conhecimento do acervo que temos e como podemos usá-lo.

Aprendi com a pesquisa a ser mais criteriosa na escola dos livros e, assim como as professoras, respondi as questões mentalmente pensando em um trabalho como professora.

Percebi que também desconheço muito da literatura clássica. O trabalho me empolgou para buscar este conhecimento. Aprendi que muitos livros que consideramos lindos esteticamente podem empobrecer o momento da leitura; aprendi que não devemos contar uma história como se a criança não fosse entendê-la; que a leitura literária é muito importante desde a primeira infância. A pesquisa, ainda, me fez avaliar minha conduta como Coordenadora Pedagógica; entendi como é necessária a formação das professoras e como devo abordar a leitura na educação infantil. Pude dividir os saberes que adquiri com o curso de Especialização na Docência em Educação Infantil, partindo daquilo que é visível e necessário dentro da escola, e juntamente com isso, reorganizar os espaços da escola, sendo um deles a biblioteca.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. **Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias.** Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Livros-para-criancas-e-literatura-infantil.pdf>
- BAGNO, Marcos. **Linguagem.** Glossário CEALE. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/linguagem>
- BICALHO, Delaine Cafiero. **Leitura.** Glossário CEALE. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura>
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- BRASIL. Programa Nacional de Apoio à Leitura. Lei 8.313 de 23 de dezembro de 1991. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8313cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm)
- BRASIL. Lei 7.624 de 5 de novembro de 1987. Disponível em: [http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=7624&tipo\\_norma=LEI&data=19871105&link=s](http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=7624&tipo_norma=LEI&data=19871105&link=s)
- BRASIL. Lei do Direito Autoral, Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm)
- BRASIL. Plano Nacional de Incentivo à Leitura. Decreto 519 de 13 de maio de 1992. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/113527/decreto-519-92>
- BRASIL. Plano Nacional do Livro e Leitura. 2006. Disponível em : [www.pnll.gov.br](http://www.pnll.gov.br)
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Descaminhos.** In.: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 13-34.
- CADEMARTORI, Lígia. **Literatura Infantil.** Glossário CEALE. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>
- CARDOSO, Beatriz. **Mediação Literária na Educação Infantil.** Glossário CEALE. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediacao-literaria-na-educacao-infantil>
- CARDOSO, Bruna. **Práticas de linguagem oral e escrita na educação infantil.** São Paulo: Editora Anzol, 2012.

- CARDOSO, Lúcia Queiroz. A importância da leitura na Educação Infantil. 2013. Disponível em <http://lervivesonhar.blogspot.com.br/2013/06/lucia-queiroz-importancia-da-literatura.html>
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DA MATA, M. **Leitor Proficiente**. Glossário CEALE. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitor-proficiente>
- FIAD, R. & VAL, M. **Produção de textos**. Glossário CEALE. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/producao-de-textos>
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GREGÓRIO, Regina. A importância de contar histórias na educação infantil. Blog Compartilhar e Crescer: São Paulo, 2011. Disponível em: <http://reginapsicopedagoga.blogspot.com.br/2011/04/importancia-do-contar-historias-na.html>
- GROSSI, Maria Elisa de Araújo. Contação de Histórias. Glossário CEALE. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/contacao-de-historias>
- LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira Mendes; FARIA, Vitória Líbia Barreto de. (orgs.). Livro de estudo: Módulo II – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/mod\\_ii\\_vol2unid2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/mod_ii_vol2unid2.pdf)
- MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; ALMEIDA, Maria Isabel de. **A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades**. Cuiabá, Revista educação Pública, v.20, n.44, p. 413-428, set/dez. 2011. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/educacaopublica/article/viewFile/315/283>
- MEC, 2016. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>
- PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes e OLIVEIRA, Ana Arlinda. **A literatura infantil no processo de formação do leitor**. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, ano 4 v.4 n.7, p. 22-36, jan-jun.2010 Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/175/101>
- PARREIRAS, Ninfa. **Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

PNLL – Plano Nacional do Livro e da Leitura. Atualizado em 2014. Disponível em: [http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL\\_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660](http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660)

PIRES, Suyan Maria Ferreira. **Histórias de amor para sempre, Histórias de amor para nunca mais: o amor romântico na literatura infantil**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

ROSA, Cristina Maria. **A linguagem literária na infância: ler, contar, ilustrar**. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2015/08/a-linguagem-literaria-na-infancia-ler.html>

ROSA, Cristina Maria. **Alfabetização Literária**. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2015/06/alfabetizacao-literaria-o-que-e.html>

ROSA, Cristina Maria. **Clássico: O que é isso?** Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2014/09/classico-o-que-e-isso.html>

ROSA, Cristina Maria. **Ler ou contar? Ler e contar...** Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2015/07/ler-ou-contar-ler-e-contar.html>

ROSA, Cristina Maria. **Rudimentos de um comportamento leitor**. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2015/07/rudimentos-de-um-comportamento-leitor.html>

ROSA, Cristina Maria. **Literatura na primeira infância: uma das brincadeiras possíveis**. Disponível em: <http://crisalfabetoaparte.blogspot.com.br/2016/01/literatura-na-primeira-infancia-uma-das.html>

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODONE, Nanci. **Políticas Públicas para o livro, leitura e biblioteca**. Ci.Inf. Brasília, v.35, n.3, p. 183-193, set/dez. 2006

REYES, Yolanda. **A casa imaginária; Leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

REYES, Yolanda **Mediadores de Leitura**. Tradução de Elizabeth Guzzo de Almeida. Glossário CEALE, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>

SÁ, Alessandra Latalissa de. Reconto. Glossário CEALE. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/reconto>

SILVA, Marta Benjamin da; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; NOGUEIRA, Carine Rodrigues. **Políticas Públicas para a leitura no Brasil: implicações sobre a leitura infantil**. Ponto de Acesso Salvador, v.6, n.3, p. 20-46, abr 2012.

SILVA, Parecida Roseli Pereira da.; GAMERO, Silvani Rodrigues; TASSI, Simone Francisca. A importância no incentivo a leitura na Educação Infantil. 2014. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-do-incentivo-a-leitura-na-educacao-infantil-parecida-roseli-pereira-da-silva-silvani-rodrigues-gamero-simone-francisca-tassi/126668/>

SILVEIRA, Natalia. **Saber cuidar, saber contar: ensaios de antropologia e saúde popular.** Resenha. Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva. Disponível em: <http://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/982>

SOARES, Magda. PAIVA, Aparecida. **Introdução.** In.: MEC. PNBE na escola: literatura fora da caixa. Brasília, 2014.

SOUZA, Renata Junqueira de. GIROTTO, Cyntia Graziela Simões. **Era uma vez...uma caixa de histórias: prosa no acervo do PNBE 2014.** In.: MEC. PNBE na escola: literatura fora da caixa. Brasília, 2014.

VICCINI, Carla Gabriele. Professor Mediador, Aluno Leitor. X Congresso Nacional de Educação – EDUCARE. Curitiba, 2011. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5323\\_3946.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5323_3946.pdf)

## ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO

*À diretora da escola*

A proposta de pesquisa que realizo como aluna(o) do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, procura investigar **os critérios de seleção das obras literárias ofertadas às crianças pelas professoras.**

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola, das professoras e dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, pretendo **aplicar um questionário para as professoras.**

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente a **aplicação de questionário** junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados **gerados pelo questionário**, serão analisados e utilizados na apresentação do trabalho e poderão ser divulgados em aulas, palestras, seminários, congressos. Contudo, o sigilo será preservado, não sendo mencionados o nome dos participantes e da escola em nenhuma apresentação oral. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas/ou observadas.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do endereço eletrônico **dedareck@gmail.com**. Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas.

Eu, \_\_\_\_\_, RG sob o número \_\_\_\_\_, Diretora da escola, concordo que a pesquisa seja realizada em minha escola.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) participante – Diretora da Escola.

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura da(o) pesquisador(a) – **Andréa de Carvalho Reckziegel**

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do(a) orientador(a) da pesquisa - **Cristina Maria Rosa**



## ANEXO 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

*Aos Educadores.*

A proposta de pesquisa que realizo como aluna(o) do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, procura investigar **os critérios de seleção das obras literárias ofertadas às crianças pelas professoras.**

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola, das professoras e dos pais e/ou responsáveis pelas crianças, pretendo **aplicar um questionário.**

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente a **aplicação de questionário** junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados **gerados pelo questionário** serão analisados e utilizados na apresentação do trabalho e poderão ser divulgados em aulas, palestras, seminários, congressos. Contudo, o sigilo será preservado, não sendo mencionados o nome dos participantes e da escola em nenhuma apresentação oral. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas e/ou observadas.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do endereço eletrônico **dedareck@gmail.com**. Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas.

Eu, \_\_\_\_\_, RG sob o número \_\_\_\_\_, Professora da escola, concordo em participar da referida pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante – Professora

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura da(o) pesquisador(a) – **Andréa de Carvalho Reckziegel**

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do(a) orientador(a) da pesquisa - **Cristina Maria Rosa**